

Migrações internas a partir de uma carta

*Martin Norberto Dreher**

Uma carta¹

A carta abaixo foi localizada em Novo Paris, no atual município de Brochier, Rio Grande do Sul. Os moradores da localidade, como pode ser comprovado a partir dos sobrenomes e também a partir dos livros de registro da Paróquia Evangélica de Linha Pinheiro Machado, comparados com os de Picada Quarenta e Oito, na antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, foram, originalmente, migrantes, filhos de colonos da região de São Leopoldo, mas também imigrantes vindos da Europa. A carta, como se pode verificar, mesmo sendo datada de 10 de fevereiro, omite o ano em que foi escrita. Ainda assim, ela traz referência que nos permite localizá-la nos anos da Revolução Federalista. A seguir, apresento a carta em sua grafia original, não incluo nela correções, nem mesmo pontuações diferentes das contidas no original. Assim, linguístas poderão valer-se dela. Depois, trago tradução da mesma para que minhas reflexões possam melhor ser acompanhadas. Cartas são excelentes instrumentos para o acompanhamento de seres humanos na migração.

Rienkon den 10 Februar

Herzlich Geliebte unvergeßlichen Kinder.

Euren lieben Brief vom 11tem Dezember haben wier ausgang Januar erhalten. Es hat uns sehr gefreut, das ihr doch einmahl wieder unseren Brief bekommen habt, und das ihr noch alle Gesund seit. Lieben Kinder wier sind Gottlob auch noch alle Gesund, Auserdem ich eure liebe Mutter bin oft fast immer Kränklich. Die Sorgen und die Gedanken, nach eich alle meinen Lieben dricken mir oft bald das Herze arg.

Ach was habe ich schon so lange, auf euren Brief gewartet immer in Sorgen, ihr werdet ihn wieder nicht bekommen, Lieben Kinder sonst geht es und ganz gut, Wier habe alles was wir brauchen, der Vater ist immer Gesund.

August und Karl arbeitet dichtig in die Plantage und mit ihren Bienen, hier gedeien die Bienen sehr gut.

Ich gehe fast gar nicht mehr in die Plantage, Ich habe meine beschäftigung zu Hause. Der Wilhelm hilft mir auch schon viel, in die Weihnachtszeit, war es hier ziemlich trocken jetzt hat es immer schön geregnet, die Milge stehen schön das Sommergetreide war auch schön, die Kartoffeln sind auch gut geraten Nur das Schleggras Weizen hat hier dies Jahr überall den Rost bekommen. Es hat nicht viel gegeben.

Lieben Kinder ihr woltet doch wissen wie das Land hier ist. Ich kann euch nichts anders schreiben als das Land ist hier ganz gut, Es giebt auch schlechte Kolonie, so wie bei euch auch, das kann man ja besehen. Es sind hier auch Berge wie bei euch, Aber mit unterschied. Wachsen thut alles gut wie bei euch, vieles noch viel besser wie bei euch, Unser Schors hat vom (?) Bonen 12 Sack geerntet, Wier haben nicht so viel bekommen, Der Taback ist hier auch ein schönes verkaufs-Artickel. Viel besser als die Bonen.

In der Nähe wo wir wohnen ist kein gutes Land mehr zu verkaufen.

Aber eine Viertel Stunde von unserm Schors weiter nach der Stat da ist noch Land zu verkaufen. Das Land soll dort schön liegen.

Der Vater und der August und Schors, waren dort und haben das Land besehen. Es waren wohl 20 Kolonien, Eine Kolonie kostet 1000 Milreis. Lieben Kinder, es hat uns sehr gefreut das Peter und Auguste wieder dicht an euch wohnen kommen und Vater und Mutter sind nicht weit, und alle Geschwister das ist ganz schön, Lieben Kinder. Aber denket an die Zukunft, ihr habt nur jeder eine halbe Kolonie, hier kennt ihr jeder ein großes Stück Land haben. Besinnt euch nicht lange, wenn ihr kommen wolt. Die Leute kommen von Sante Krutze und von alle der Schönen Gegenden, von weit und suchen hier Land, und kaufen es bei alle der Unruhe und bald

ist das Schöne Land weg. Der Herr wo das land gehört wohnt in Sante Maria. Er heißt Pfeifer.

Herr Jakob Maurer in Sante Maria sind gute Kolegen zusammen. Wenn ihr dahin kommen werdet, der wirt eich gut zurecht weisen, und ihr werdet dort gut auf genommen werden. Fort kommen kann man hier so gut wie bei eich, Wer nur gut anfangen kann, der kann hier so gut Geld machen wie bei eich, der Agsatz wirt immer besser wer nur viel zuverkaufen hat.

Lieben Kinder wier hatten eich versprochen unser Bilder zu schicken, Wier waren selber alle froh darauf, es thut uns sehr leid das wier unser versprechen nicht halten konten. Wier haben uns zwei mahl Agnehmen lassen und es hat doch nichts richtig gebracht. Er ist von Haus zu Haus gereist, die Leute Agnehmen, und hat uns alle zu Narren gemacht. Die Maschiene soll nicht gut gewesen sein.

Die Tante ihre Kinder von Deitschland kommen auch nicht sie haben sich dort schon verheiratet. Die Minn und Amalie haben sich auch schon verheiratet. Sie haben zwei Brüder. Sie schreiben sich Eckert. Meine herzlich geliebten Kinder, Wenn es nicht möglich sein sollte, das ihr zu uns kommen könnt, So will ich und der Vater eich doch bald besuchen. Wenn mir die reise auch noch so beschwerlich sein wird, weil ich immer Kränklich bin, So will ich es doch wagen mit Gottes hilfe. Unser Sehnsucht ist so groß nach eich, alle unsern Lieben. Vielleicht trefe wier unser lieben Alte Mutter noch an Leben an jetzt muB ich mein schreiben schlieBen, und wier verbleiben eure treuhe Unvergeßliche Vater und Mutter bis in den Tod.

Viele herzliche Grübe von Vater und Mutter, an unsern lieben Söhne, Jakob und Peter, und an unser lieben Töchter Amalie und Auguste, und an alle alle unsre lieben Enkelschen viele Schöne Grübe von Eure Brüder, und Schwegers, August, Karl und Wilhelm einen herzlichen Grub an unsere liebe Alte Mutter, von Vater und Mutter, Viele herzliche Grübe schicken August und Karl und Wilhelm ihre lieben Grobmutter.

Viele schöne Grübe von eurem Schwager Schors und Schwester und Schwägerin Emielie mit ihrem Kleine Sonchen,

Einen herzlichen Gruß von Emielie an ihre liebe Großmutter. Viele schöne Grüße von eurem Schwager Wilhelm.

Und von eure Schwester und Schwägerrin Elisa mit ihrem Kleinen Sohnchen, Er ist schon 3 Monate alt.

Viele Schöne Grüße an unserem mit Vater und Mutter und an alle ihre Kinder. Viele Schöne Grüße an Gevatermans Wenzel.

A tradução

Rienkon, 10 de fevereiro

Cordialmente amados, inesquecíveis filhos.

Vossa querida carta de 11 de dezembro recebemos no final de janeiro. Muito nos alegrou que tenham novamente recebido nossa carta, e que todos ainda estejam com saúde. Queridos filhos, graças a Deus ainda estamos todos com saúde, fora eu, vossa querida mãe, que muitas vezes estou adoentada. As preocupações e os pensamentos em relação a todos vocês, meus queridos, me oprimem muitas vezes por demais o coração.

Ah, por quanto tempo estive esperando por carta vossa, sempre preocupada de que mais uma vez não a tivessem recebido. Queridos filhos, no mais estamos bastante bem. Temos tudo do que necessitamos, o pai sempre está com saúde.

August e Karl trabalham bastante na plantação e com sua abelhas; aqui as abelhas se desenvolvem muito bem.

Quase não vou mais à plantação. Tenho minha ocupação em casa. O Wilhelm também já me auxilia bastante. Na época do Natal esteve bastante seco por aqui, agora temos tido belas chuvas. O milho está bonito. O cereal de verão também estava bonito. As batatas também se desenvolveram bem. O problema é a grama de ponta. O trigo teve a ferrugem aqui em todos os lugares. Não deu muita coisa.

Queridos filhos, vocês queriam saber como é a terra por aqui. Nada mais posso vos escrever além de que a terra aqui é bastante boa. Também há colônia ruim, assim como entre vocês, como se pode constatar. Aqui também há morros como entre vocês. Mas há

diferenças. Aqui tudo se desenvolve bem como entre vocês, muitas coisas melhores do que entre vocês. Nosso Schors colheu 12 sacos de feijão. Nós, porém, não conseguimos tanto. Aqui, o tabaco também é bom artigo de venda. Muito melhor do que o feijão.

Mas, um quarto de hora além de nosso Schors, em direção à cidade, ainda há terra a venda. A terra lá está bem localizada.

O pai e o August e Schors estiveram lá e observaram a terra. Havia perto de 20 colônias. Uma colônia custa 1000 milréis. Queridos filhos, muito nos alegrou que Peter e Auguste voltaram a morar perto de vocês e que pai e mãe não estão distantes, e todos os irmãos, isso é muito bom, queridos filhos. Pensem, porém, no futuro; cada um de vocês só tem meia colônia; aqui cada um poderia ter um pedaço grande de terra. Não pensem muito, se quiserem vir. As pessoas vêm de Sante Krutze e de todas as belas regiões, de longe, e procuram terra por aqui e compram-na, apesar de toda a inquietude, e em pouco tempo a terra bonita não estará mais disponível. O senhor a quem pertence a terra mora em Sante Maria. Seu nome é Pfeifer.

O senhor Jakob Maurer em Santa Maria e (ele) são bons colegas. Se ali chegardes, ele os orientará e sereis bem recebidos. Progredir a gente aqui consegue tão bem como entre vocês. Quem consegue fazer um bom começo, pode fazer dinheiro tão bem como entre vocês; a saída (das mercadorias) melhora continuamente, desde que se tenha muito para vender.

Queridos filhos, havíamos prometido enviar-lhes nossas fotografias. Nós mesmos nos alegramos muito com a possibilidade; sentimos não poder cumprir nossa promessa. Deixamos nos fotografar duas vezes e não deu certo. Ele foi de casa em casa para fotografar as pessoas e nos fez a todos de bobos. A máquina não teria sido boa.

Os filhos da tia da Alemanha também não vêm; eles já casaram lá. A Minn e a Amalie já casaram lá. Têm dois irmãos. O sobrenome deles é Eckert. Meus muito amados filhos, se não for possível que vocês venham até nós, eu e o pai pretendemos visitá-los em breve. Mesmo que a viagem me venha a ser muito incômoda, por

sempre estar adoentada, vou tentá-la com a ajuda de Deus. Nossa saudade por vocês é muito grande. Talvez ainda encontremos nossa velha mãe com vida. Mas agora tenho que encerrar minha carta, e nós seremos sempre vossos fiéis e inesquecíveis pai e mãe, até a morte.

Muitas lembranças carinhosas de pai e mãe a nossos queridos filhos, Jakob e Peter, e a nossas queridas filhas Amalie e Auguste, e a todos os nossos queridos netinhos, muitas lembranças cordiais de vossos irmãos, e cunhados, August, Karl e Wilhelm; lembrança cordial a nossa velha mãe, de pai e mãe. Muitas lembranças cordiais são enviadas por August e Karl e Wilhelm a sua querida avó.

Muitas belas lembranças de vosso cunhado Schors e irmã e cunhada Emielie com seu pequeno filhinho. Cordial lembrança de Emielie a sua querida avó. Muitas belas lembranças de vosso cunhado Wilhelm.

E de vossa irmã e cunhada Elisa com seu pequeno filhinho. Ele já está com 3 meses.

Muitas belas lembranças a nosso consogro e consogra. Muitas belas lembranças ao compadre Wenze.

Datação

Datar a presente carta é relativamente fácil, depois que se têm em mãos alguns subsídios. Como se pode verificar, sua autora escreve apenas “Rienkon, 10 de fevereiro”. Qual, porém, é o ano em que foi redigida? No texto há algumas evidências que apontam para o ano de 1894. Em primeiro lugar, a autora fala que pessoas, originárias da região colonial de Santa Cruz do Sul e de outras localidades, vêm procurando terras na área de São Pedro do Sul “apesar de toda a inquietude”. Houve duas grandes inquietudes na região. A primeira ocorreu a partir de 1893, com a Revolução Federalista. A segunda em 1923. Em 1923, contudo, a autora já era falecida, como veremos abaixo. Resta-nos o ano de 1893. Há, além disso, uma segunda evidência na carta. Ao final da carta, há referência à filha

Emilie: “Muitas lembranças de vosso cunhado Schors e irmã e cunhada Emielie com seu pequeno filhinho”. Um pequeno recorte de jornal, contendo obituário, guardado por familiar da autora, nos dá conta que esta filha, casou-se com Jorge (daí *Schors*) Maurer a 28 de agosto de 1892. Se presumirmos o nascimento do primeiro filho do casal ao longo do ano de 1893, em fevereiro de 1894 ele seria “pequeno filhinho”. A data da carta é, pois, 10 de fevereiro de 1894.

Os atores

Autora da carta, a mãe, é Auguste Polenz, nascida Gramadies, natural de Neu-Balupöhnen, município de Gumbinen, na Prússia Oriental, onde nasceu a 3 de dezembro de 1839. Migrou para o Brasil, em 1872, com o esposo August Eduard Polenz, nascido a 4 de abril de 1834, em Darkemen, na Prússia Oriental, e falecido a 25 de agosto de 1906, em Serro Branco, São Pedro do Sul (RS). A autora da carta faleceu a 15 de julho de 1916, também em Serro Branco. A sepultura de ambos encontra-se no cemitério luterano da mesma localidade. O casal veio acompanhado de quatro filhas: Auguste, nascida a 15 de agosto de 1867, em Darkemen, na Prússia Oriental, e falecida a 28 de janeiro de 1930, em Novo Paris, município de Montenegro (RS); Amalie, nascida a 19 de abril de 1864, em Darkemen, na Prússia Oriental, e falecida em Novo Paris, município de Montenegro, a 1º de janeiro de 1953; Emilie, nascida a 27 de janeiro de 1868, em Darkemen (?) e falecida a 4 de junho de 1957, em Serro Branco, São Pedro do Sul e Elisa, cuja data de nascimento e de falecimento nos é desconhecida, e da mãe de Auguste Polenz, viúva Friederike Fermer, nascida em 23 de março de 1818 e falecida em Morro Paris a 9 de setembro de 1896. Informações orais da família dão conta de que uma quinta criança teria falecido na viagem, sendo sepultada no mar. O casal estabeleceu-se, inicialmente, em Novo Paris, no atual município de Brochier. Ali nasceram-lhes os filhos Wilhelm e Karl. Na época de sua imigração, Novo Paris fazia parte das chamadas Colônias do Maratá, região colonizada por

Kochenburger e Moraes, desde 1856 (OBERACKER, 1936). Para Novo Paris haviam migrado, por volta de 1875, colonos da colônia alemã de São Leopoldo, mais precisamente de Picada 48. Sobrenomes como Schoenell, Kleber, Reinheimer, Arendt, Feilstrecker, von Mühlen e Schreiner o atestam.

Da Picada 48, mais precisamente das 14 Colônias, vieram os Kleber². Ali se estabelecera, por volta de 1840, Peter Kleber, sapateiro, natural de Engelbach, junto a Kaiserslautern, no Palatinado. Na Picada 48, Peter Kleber casou com a viúva Philippine Dörzbacher, nascida Reinheimer, e mãe de dois filhos, nascida a 2 de agosto de 1816, em Altenglan, no Palatinado. O casal teve quatro filhos: Jacob, nascido a 2 de março de 1841, em Picada 48; Anna Catharina, nascida a 10 de junho de 1843 e falecida em Picada 48 a 20 de outubro de 1862; Philippina, nascida a 26 de agosto de 1845, em Picada 48; Martin, nascido a 2 de fevereiro de 1848, em Picada 48, Heinrich, nascido a 2 de março de 1851, em Picada 48, e Elisabetha, nascida a 2 de maio de 1853 e falecida a 4 de janeiro de 1877, em Picada 48. Jacob casou-se a 1º de dezembro de 1863, em Bom Jardim (Ivoti), com Filipine Feilstrecker, nascida a 11 de maio de 1839, em Picada 48, filha de Anton Feilstrecker e de Dorothea Catharina Stuff, que haviam imigrado de Feckweiler, no Principado de Oldenburg. Os primeiros filhos (ao todo foram 10) deste novo casal nasceram ainda em Picada 48, nas 14 Colônias: Peter, a 29 de junho de 1863, Jacob, a 15 de junho de 1866, Heinrich, nascido em 1868, Johann, nascido em 1871; Albin, nascido a 15 de julho de 1872 e falecido a 16 de março de 1873; Eduard, nascido a 5 de maio de 1874. Em 5 de junho de 1876, nasceu Ernestine, em Novo Paris. Na mesma localidade nasceriam, ainda, Maria Elisabeth, a 28 de outubro de 1878; Amalie Catharina Pauline, a 17 de setembro de 1881, e Albin, a 21 de maio de 1884. Como a filha Ernestine nasceu em Novo Paris, a 5 de junho de 1876, é provável que a migração da família de Jacob Kleber para Novo Paris tenha ocorrido por volta de 1875/76. Por ocasião do batizado de Amalie Catharina Pauline já é mencionada, como madrinha, a jovem Amalie Polenz. Pouco depois, a 13 de setembro de 1885 e a 10 de outubro de 1886 aconteceriam os casamen-

tos da nova geração: Peter Kleber e Auguste Polenz e Jacob Kleber e Amalie Polenz. Pouco antes havia nascido o primeiro filho brasileiro de August Polenz e de Auguste Gramadies: Wilhelm Peter, nascido a 30 de dezembro de 1882, em Novo Paris. Os primeiros filhos de nova geração Kleber-Polenz nascem ainda no século XIX: Amalie Philippine, filha de Peter Kleber e Auguste Polenz, a 15 de julho de 1886, e Heinrich Jacob, filho de Jacob Kleber e de Amalie Polenz, a 15 de maio de 1887.

Nestes anos, o casal August Eduard Polenz e Auguste Gramadies parte para sua segunda migração. Deixam Novo Paris e dirigem-se para Serro Branco, em Rincão de São Pedro, hoje São Pedro do Sul. Lá nascerá o filho Karl. Lá também acontecerão novos casamentos: Emilie casa com Jorge Maurer; Elisa com Wilhelm Steindorf; August, Karl e Wilhelm ainda são solteiros quando a mãe escreve a carta.

Na carta ainda é mencionado o nome do campadre “Wenze”, na realidade (Christian) Wentz, padrinho de Wilhelm Peter.

Resta mencionar a “vovó”, Friederike Fermer. Ela permanece em Novo Paris, quando da nova migração da filha. Ela nos lembra a situação do idoso que não está mais em condições de migrar e que permanece na companhia das netas.

Vejamos, agora, alguns aspectos que podem ser deduzidos das informações que temos a respeito dos atores.

As migrações

A vida dos atores está marcada por migrações³. Primeiro, da Prússia Oriental para Novo Paris. De Engelbach e Altenglan para Picada 48. Foi possível verificar que Kleber era artesão, trabalhava em curtimento. Reinheimer era agricultor. Agricultores eram os Polenz e os Gramadies. Em 1872, as migrações européias chegavam à Prússia Oriental e à própria Rússia, de onde viriam muitos imigrantes para o Brasil. Em 1877, diversos contingentes de alemães do Volga chegavam à região de Ponta Grossa, no Paraná. A eles se aliariam

muitos poloneses. De Engelbach e de Altenglan já vinham migrantes para o Brasil desde os primórdios do Império. A terra já não mais conseguia carregar os camponeses e os artesãos faliam à medida que avançava a industrialização ou em que os produtos provenientes da Inglaterra entravam mais baratos na Alemanha que os produtos dos próprios artesãos. O Brasil era nova opção de sobrevivência que se abria.

De Picada 48 teve que se migrar para Novo Paris porque as terras da Colônia Velha estavam todas elas distribuídas e seu preço tornava a aquisição inviável para a nova geração que constituía família. Na região do Maratá havia terras disponíveis. Era a nova fronteira agrícola.

No entanto, o nascimento de nova geração levava novamente à migração. August Eduard Polenz e Auguste Gramadies migraram eles próprios, deixando as terras para as duas filhas e os dois genros: meia colônia de terra para cada nova família. A mãe, em sua sabedoria, sabe que esta terra é insuficiente. E, ela teve razão: Peter e Auguste Kleber tiveram 10 filhos. Estes tiveram que migrar novamente para Capinzal (SC), Palmitos (SC), Londrina (PR), Rancho Grande (SC). Os filhos de Jacob e de Amalie Kleber tiveram mais sorte e permaneceram todos nas cercanias. Os demais irmãos de Peter Kleber neto e de Jakob Kleber filho migraram para Passo Fundo, Concórdia e Marcelino Ramos.

As informações nos falam da dinâmica do modelo agrícola baseado na pequena propriedade rural. Ela deveria ser alternativa ao modelo agrícola do latifúndio, baseado na mão-de-obra escrava. O agricultor deveria trabalhar a terra com a esposa e com os filhos. Isso explica o grande número de filhos que cada casal de agricultores tinha. Os filhos eram a mão de obra que permitia o bom desempenho da pequena propriedade. Mas, cada geração de agricultores tinha, desde logo, a tarefa de conseguir terras para os filhos e estas, geralmente, só poderiam ser obtidas em novas fronteiras agrícolas. A despedida dos que migravam significava adeus e não *au revoir*. Na maioria das vezes, não havia possibilidade de reencontro.

Nas novas fronteiras agrícolas acontecia o encontro com migrantes das mais diferentes procedências. Assim foi em Picada 48, assim foi em Novo Paris, assim foi em Serro Branco, onde se dava o encontro com migrantes provenientes de Sante Krutze. Na época, também Sante Krutze já não consegue mais abrigar os excedentes populacionais. As migrações têm que acontecer também em épocas de convulsões sociais, pois mamãe Polenz fala da *Unruhe*, provocada pela Revolução Federalista.⁴ Cada nova fronteira agrícola criava nova cultura, produzida a partir do encontro de culturas⁵. Se em Picada 48, a cultura era majoritariamente palatina, em Novo Paris conjugaram-se cultura palatina e veto-prussiana. Em Serro Branco haveria encontro de cultura silésia e pomerana, originária de Santa Cruz do Sul, com a cultura recém-formada em Novo Paris, dialogando com as antigas tradições da região de Santa Maria da Boca do Monte. Dessas observações, percebe-se que a cultura está em constante movimento e formação e que também a cultura teuto-brasileira é fruto de encontros e de desencontros.

A produção

A carta de Auguste Polenz nos retrata a produção da pequena propriedade rural. Mostra-nos que a vida da família está moldada pelo trabalho. Não temos informações sobre lazer.

Necessitaríamos de informações sobre a agricultura em Picada 48 e em Novo Paris para um termo de comparação. Como não dispomos delas, em detalhes, devemos contentar-nos com as descrições do documento em estudo, a carta de Auguste Polenz⁶.

O primeiro dado da carta relativamente à produção nos fala de plantação e de abelhas. Os filhos, August e Karl, têm sua vida determinada pela lavoura e a apicultura lhes é familiar. Aparentemente, as abelhas são ganho particular, renda própria destes dois membros da família. O pronome possessivo “suas” está a sugerir-lo. A mãe “quase não vai mais à plantação”. Diz ter tarefas em casa, nas quais é auxiliada pelo filho Wilhelm, na época com cerca de 12 anos. Os irmãos

apicultores devem ter cerca de 10 anos. A carta torna-se assim, também, fonte de informação sobre o trabalho infantil.

Principais produtos são o milho, que “está bonito”; há também cultivo de “cereal de verão”.

Complicado é o cultivo do trigo. Há “ferrugem”.

Mas, a grande fonte de renda extra para o agricultor é o feijão. O genro Jorge Maurer colheu 12 sacos. Melhor do que o feijão é apenas o cultivo do tabaco, mais rentável quando vinga.

O mais importante também é informado: há mercado para os produtos. O mercado está em expansão, melhora sempre mais.

Os agentes colonizadores

“A terra é boa”. Essa expressão, utilizada pela mãe, evidencia que o melhor agente colonizador é o próprio agricultor. É ele o grande propagandista. É ele quem descreve a terra em que habita e a compara com a terra de origem ou na qual residem os pretendentes à migração para a nova fronteira agrícola. Ele informa, de maneira fidedigna, a quantidade de terras disponíveis, seu preço (1000 milréis cada colônia=25 ha).

Pfeiffer e Jakob Maurer são os colonizadores.

A saudade

Na distância há grande preocupação com a saúde e esta é constante fonte de informação sobre famílias: “O pai está bem”, “eu estou adoentada”, “que bom saber que vocês todos estão bem”.

Motivo de doença e de preocupação pode ser a crônica falta de informação. Cartas se perdem, cartas demoram para chegar, cartas informam que pessoas aguardadas não vêm e que tomaram outra decisão.

Cartas informam sobre o nascimento de novas gerações. Cartas falam da saudade em relação aos filhos, aos netinhos, ao compadre, aos consogros, à mãe que não pôde acompanhar a migração.

Cartas podem conter fotografias.

A carta que acompanhamos foi escrita para familiares acostumados à migração e residentes no Brasil. Ela é inteligível para os que aqui residem. Disso dá conta a constante expressão “como entre vocês”. Ela não seria compreensível para os parentes que ficaram no além-mar. Estes desconhecem o cultivo do milho, do tabaco. Não sabem aquilatar “toda a inquietude”. Jamais ouviram falar de Sante Krutze ou de Sante Maria. Não sabem de preocupações resultantes de distância em relação a queridos.

Notas

* Doutor em História. Professor e Pesquisador da Unisinos.

¹. A autora da carta é Auguste Palenz, nascida em Gramadies, natural de Neu-Balupönhem, município de Gumbinen na Rússia Oriental em 03 de dezembro de 1839. Migrou ao Brasil em 1872, com o esposo Eduard Palenz. A autora da carta faleceu a 15 de julho de 1916, em Serra Branco – São Pedro do Sul (RS).

². Cf. Dreher (2000). Livros de Registro da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil (século XIX). (CR-Rom). São Leopoldo: UNISINOS, 2000; Livros de Registro da Paróquia Evangélica de Linha Pinheiro Machado/RS; Livros de Registro da Paróquia Evangélica de Picada 48/RS.

³. Maiores detalhes a respeito das migrações e da situação profissional dos imigrantes: Dreher (1999, 1995) e Tramontini (2000).

⁴. Em correspondência do ano de 1893, o pastor Friedrich Pechmann dá conta de uma série de degolas na região de Santa Maria, todas elas relacionadas com a Revolução Federalista (DREHER, 1995, p. 69-82).

⁵. Quanto à proveniência regional dos imigrantes, cf. Dreher (1984).

⁶. Observe-se, contudo, as informações contidas em “Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul”, tradução de Arthur Blasio Rambo.

Referências

CEM anos de Germanidade no Rio Grande do Sul, trad. de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. p. 195-241.

DREHER, Martin N. (Ed.). **Livros de Registro da Comunidade Evangélica de São Leopoldo**. Rio Grande do Sul, Brasil (século XIX). (CD-Rom). São Leopoldo: UNISINOS, 2000;

DREHER, Martin N. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. **Estudos Leopoldenses-Série História**, 3(2), p. 49-70, 1999.

_____. O fenômeno migratório alemão para o Brasil. **Estudos Leopoldenses**, 31 (142), p. 59-82, 1995.

_____. O mundo evangélico na revolução federalista. In: RAMBO, Arthur Blásio. **A Revolução Federalista e os Teuto-Brasileiros**. Porto Alegre e São Leopoldo: Editora da Universidade e Editora UNISINOS, 1995. p. 69-82.

_____. **Igreja e germanidade**. Estudo crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, Caxias do Sul e Porto Alegre: Sinodal, EDUCS, EST, 1984. p. 36-38.

OBERACKER, Karlheinrich. **Die volkspolitische Lage des Deutschtums in Rio Grande do Sul** (Südbrasilien). Jena: Gustav Fischer, 1936. p. 10.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes. A colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.